



## OFICINAS DE LEITURA E ESCRITA CRIATIVA: ESTRATÉGIAS DE CIDADANIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE NO RIO GRANDE DO SUL

BORGES, Magali Beatriz de Lima<sup>1</sup>  
MAFFACIOLLI, Rosana<sup>2</sup>  
ROCHA, Cristiane Maria Famer<sup>3</sup>  
SOUZA, Eliane Almeida de<sup>4</sup>

### Resumo

Este texto é um relato de Oficinas de Leitura e Escrita Criativa, ocorridas na Unidade de Internação do Hospital Sanatório Partenon na cidade de Porto Alegre/RS. As oficinas são ancoradas nas emoções e motivações das pessoas e como estas a partir de seus níveis de consciência sobre suas vidas acessam seus direitos e/ou a ausência deles. A metodologia permite a troca de saberes, possibilitando aos participantes maior autonomia para além da escrita.

**Palavras chave:** Educação Popular em Saúde, Cidadania, Tuberculose.

### Abstract

This text is an account of Reading and Creative Writing Workshops, held at the Inpatient Unit of the Hospital Sanatório Partenon in the city of Porto Alegre / RS. The workshops are anchored in people's emotions and motivations and how they, based on their levels of awareness about their lives, access their rights and / or their absence. The methodology allows the exchange of knowledge, allowing the participants greater autonomy beyond writing.

**Keywords:** Popular Education in Health, Citizenship, Tuberculosis

### Resumen

Este texto es un relato de los Talleres de Lectura y Escritura Creativa, realizados en la Unidad de Internación del Hospital Sanatório Partenon de la ciudad de Porto Alegre / RS. Los talleres están anclados en las emociones y motivaciones de las personas y en cómo, en función de sus niveles de conciencia sobre su vida, acceden a sus derechos y / o su ausencia. La metodología permite el intercambio de conocimientos, permitiendo a los participantes una mayor autonomía más allá de la escritura, es decir.

**Palabras clave:** Educación Popular en Salud, Ciudadanía, Tuberculosis.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Doutora em Enfermagem, Professora da Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Professora da Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> PHD em Educação Ambiental pela FURG- Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: negrasim2004@yahoo.com



## 1. Introdução

No século XXI, a tuberculose ainda se apresenta como uma doença infecciosa e transmissível que afeta prioritariamente os pulmões, embora possa acometer outros órgãos e sistemas. No Brasil, a doença tem sido um sério problema de saúde pública com profundas raízes sociais. Pois a cada ano, são notificados aproximadamente 70 mil novos casos, onde 4,5 mil mortes ocorreram em decorrência da tuberculose (BRASIL MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018). O Estado do Rio Grande do Sul (RS) atualmente ocupa o quarto lugar em termos de incidência desta doença, com 39,92 casos para cada 100.000 habitantes. Porto Alegre é a capital com maior taxa de incidência de tuberculose no Brasil, ou seja, são 104,6 casos para cada 100.000 habitantes e apresenta o dobro da taxa de coinfeção, ou seja, Tuberculose Imunodeficiência Adquirida -TB/HIV/ aids - em relação à média nacional. Esta situação está diretamente relacionada ao fato de ser também Porto Alegre a capital brasileira com maior incidência da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA). (RIO GRANDE DO SUL, 2016; BRASIL, 2016).

No Estado do Rio Grande do Sul, um dos serviços de referência regional ao atendimento dos usuários com Tuberculose é o Hospital Sanatório Partenon (HSP), localizado na zona leste de Porto Alegre, mais especificamente no bairro Partenon. Ele integra à estrutura da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES/RS). Não por acaso que neste mesmo bairro estão localizados também o Presídio Central de Porto Alegre (a maior instituição de detenção de apenados do estado); o Hospital Psiquiátrico São Pedro (antigo hospício da cidade); e o Instituto Forense.

Neste contexto, o HSP/SES/RS caracteriza-se por atender ambulatorial e hospitalar paciente com tuberculose e suas principais comorbidades e condições: Aids e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis – (ISTs), com – (ênfase nas hepatites virais), também associado ao uso abusivo de substâncias psicoativas (ênfase para uso de álcool e crack), sem falarmos do abandono social e situação de rua. Assim, observamos que é comum as pessoas chegarem a este serviço para internação, em profundo estado de debilidade e sem perspectivas de dar sequência ao tratamento fora do ambiente hospitalar.

Diante de tantos desafios pelos quais estão expostos cotidianamente os usuários desse serviço, propusemos, como uma das atividades de Promoção da Saúde, a realização de Oficinas de Leitura e Escrita Criativa, de caráter pedagógico. As Oficinas contribuem para



que as trajetórias de vulnerabilidade dos usuários, definidas segundo complexas articulações entre condições clínicas, psicológicas, sociais e de uso de serviços de saúde, possam ser positivamente modificadas. Para Candau (1995)<sup>4</sup>, a oficina pedagógica constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de confronto e troca de experiência.

Acreditamos que através das artes, é possível de forma mais poética, tocar o que não é palpável e, que muitas vezes tem significados importantes para as pessoas. Esse movimento produz vibrações emanadas das relações estabelecidas entre os participantes e possíveis de serem sentidos por meio das trocas de olhares e palavras. As oficinas têm o intuito de fazer com que através da escrita e das leituras possamos transitar entre o universo lúdico e a realidade de cada participante, fazendo com que esses momentos os façam refletir enquanto cidadãos, acerca de seus direitos, ou da falta destes. Quais são as formas possíveis de transformar suas realidades? Essa reflexão tenciona o lugar que o estigma da doença os coloca, para assumirem a posição de cidadãos que têm direito à saúde, educação, moradia, trabalho e renda, lazer, entre outros.

Também conduz ao exercício do direito de serem felizes mesmo que a felicidade seja um conceito subjetivo, pois ainda assim é possível sermos felizes compartilhando nossas vivências, interpretando e tornando visíveis as feridas da alma, imaginando e tornando concreto o mundo que queremos, promovendo a saúde através da fala e escuta dos sujeitos. As oficinas de leitura e escrita criativa no HSP assumem o compromisso e desafios trazidos pela Educação Popular em Saúde que nos remete, continuamente à prática do exercício de reflexão, ação e reflexa.

A Educação Popular em Saúde valoriza a presença da construção conjunta do conhecimento e das ações de saúde, respeitando a presença de elementos imprevisíveis de emoção e afeto, presentes no encontro humano que se dá no cuidado em saúde. A participação das autoras nessas atividades resultou nesse texto, e consiste em uma análise reflexiva da participação do/as usuárias nas atividades das Oficinas de Leitura e Escrita Criativa que visam promover a cidadania e a saúde de pessoas internadas para tratamento da tuberculose no Hospital Sanatório Partenon, em Porto Alegre, RS.

Portanto, este trabalho de conclusão integra o Projeto de Desenvolvimento da Cidadania e Promoção da Saúde de Pessoas Internadas por Tuberculose em Porto Alegre – RS, coordenado pela Professora Doutora Rosana Maffacioli e as possibilidades de iniciarmos



atividades de oficinas com os usuários que nos foi apresentado pela orientadora deste trabalho que obteve parecer favorável à sua realização por parte da coordenação do projeto e da coordenação da instituição. Portanto, essa atividade foi pioneira nesta instituição, o que suscitou grande expectativa das duas partes em relação a aceitação ou não por parte dos participantes.

Somos agentes de saúde pública interessadas na problematização dos sujeitos e as melhores formas de agir sobre suas vidas, ancorados em direitos que tem auxiliado ações potentes nas quais as atividades nos levaram a analisar que, para muitos participantes, as relações familiares ou a falta destas, que a negação por parte dos governos de seus direitos básicos como cidadãos, são fatores determinantes nos processos de saúde-doença. Portanto, são fundamentais no tratamento e na cura da tuberculose. Dito isso, acreditamos que as atividades como as relatadas nestas práxis ainda precisam ser inseridas em todas as redes de saúde, cuja potência nos foi possível entender através das falas e das escritas dos usuários, ou seja, estar com tuberculose torna os acometidos invisíveis perante a sociedade o que dificulta seus acessos aos direitos básicos como moradia, educação e, principalmente, saúde.

## 2. Caminhos metodológicos

Trata-se de um artigo que apresenta como se deram as oficinas pedagógicas com objetivo de estimular a leitura e a escrita criativa num contexto de internação hospitalar para o tratamento da tuberculose. O público que participou das atividades foi constituído por pessoas internadas pela tuberculose. Sendo longo este período de internação, que pode ser de seis meses até um ano e meio em alguns casos.

Com relação ao perfil epidemiológico e sócio demográfico dos usuários, destaca-se o uso sistemático e prejudicial de álcool e outras drogas, principalmente o uso de crack, o histórico de situação de rua, a coinfeção TB/HIV/AIDS e outras comorbidades. Com relação à organização das oficinas, anteriormente a sua realização, houve uma pactuação de como seriam desenvolvidas estas atividades na instituição, no contexto das reuniões do Plano Terapêutico Institucional (PTI).

O PTI foi instituído no HSP em 2012, com vistas a operar mudanças no processo de trabalho das equipes, as quais têm sido sensibilizadas para responder às necessidades dos



usuários desde uma perspectiva psicossocial dos processos de adoecimento. Com isso, tem-se alcançado alinhar as intervenções clínicas a ações que se voltam para a reinserção social e para o exercício da cidadania. As reuniões do PTI ocorrem todas as terças feiras no HSP, consistindo em um espaço de colaboração interdisciplinar. Assim, no contexto desta pactuação, a proposta foi apresentada aos profissionais de HSP de modo a explicar sua origem e pressupostos.

Com relação às oficinas de leitura e escrita criativa, foram realizadas quinzenalmente, às quintas-feiras à noite no Teatro Cruz de Lorena, localizado nas dependências do HSP. O número de participantes dependia de alguns fatores como a alta por cura, pedido de alta, internação de novos usuários e interesse em participar das atividades, o que ocasionou uma média entre 15 e 21 participantes nas atividades. Com relação à dinâmica das oficinas, procurou-se manter as orientações da proposta original.

Inicialmente algumas alterações no ambiente foram feitas como por exemplo, dispor as cadeiras em círculo com a colocação de mesas no centro a fim de acomodar os materiais utilizados nas produções textuais, (lápiz, canetas, lápis de cor, borrachas, etc). Posteriormente, realizávamos o acolhimento, momento em que cada participante se apresentava dizendo, nome e cidade de residência. Em seguida, o projeto das oficinas e seus objetivos eram apresentados, sendo também esse o momento em que se aproveitava para também pactuar como seria a dinâmica, e quais os textos, autores e temas seriam utilizados. No instante seguinte, se precedia à leitura do texto escolhido, sendo que cada participante que desejasse lia um parágrafo ou trecho do texto em evidência.

Após as leituras, debatíamos sobre as opiniões com relação ao texto, perguntando se alguém havia se identificado com algum personagem e quais os motivos e, se gostariam de falar ou preferiam escrever e/ou desenhar suas impressões e sentimentos em relação à leitura. Na sequência, os participantes eram convidados a sentarem-se à mesa, se desejassem para iniciarem as produções textuais, desenhos, poesias ou qualquer outra forma de expressão que representasse os seus sentimentos. Posteriormente, os participantes eram convidados a voltar para seus assentos, no grande círculo e a apresentarem as suas produções, finalizando a oficina.

Os mesmos, também se motivaram a incluir na dinâmica outras sugestões de leituras, poesias de suas autorias, relatos de vivências e músicas. Por fim, era realizada a avaliação e feitas as combinações para a próxima atividade. Os textos utilizados para as atividades foram



escolhidos tendo como critérios os temas como direito das mulheres e invisibilidade social, assuntos pertinentes a serem trabalhados em três das oficinas foram: “A Vida que Ninguém Vê”, da escritora Eliane Brum, uma crônica- reportagem que narra os acontecimentos da vida real de pessoas que não são celebridades e portanto, não viram notícia, a poesia “Parabéns, mas, sinceramente, eu tô cansada! – de Kátia Oliveira que faz uma alusão ao Dia Internacional da Mulher. A produção decorrente desses encontros integraram o escopo de alguns relatos que seguem.

### 3. Alguns Resultados das Discussões

Nossas ações se deram nas seguintes intervenções: ler, escrever e criar! Houve participação expressiva e ativa dos usuários nas atividades que sempre estiveram atentos às leituras e as dinâmicas propostas em alguns momentos, opiniões polêmicas suscitaram debates antes do momento combinado, porém, se surgisse algo que era pertinente, ao momento e aos objetivos das oficinas de leitura, eram integrados nos diálogos, uma vez que potencializavam a interpretação, reflexão e ressignificação de algumas ideias colocadas nos textos. Os momentos de leitura e criação, foram potentes do ponto de vista dos sentimentos e sensações das pessoas no grupo.

Ousamos atentar discretamente aos risos tímidos que com o tempo daquela convivência passaram a ser externalizados espontaneamente, como se a vontade de ser livre os fizesse ecoar para além dos muros que os cercavam. Foi possível perceber que a utilização de lápis de cor, para alguns, significava o resgate de uma brincadeira de criança, ou seja, os jogava para um momento lúdico, que talvez lhes tenha sido negado ainda em suas infâncias como comentou (J.): “Olha eu tive que trabalhar cedo ainda criança, nem fui pra escola”. Naquele momento, observamos o brilho em seus olhos, era visível suas alegrias em manipularem os lápis de cor e rabiscarem nas folhas. Observamos que em grupo, a alegria tomava coragem em se manifestar com mais intensidade, com falas e gestos expressivos e com vigor ao desenhar e escrever.

Os diálogos que criamos com os sujeitos em tratamento retrata nossas observações através de uma escrita, situações estas que não lhes fora permitido até então, que era falarem os motivos pelas quais estavam ali, saber quem de fato eram sem estigmas, preconceitos e



dores. Todas estas questões estavam subentendidas por trás de suas reações de rapidez em terminarem a escrita ou desenhos. Eram falas dos que queriam que os outros terminassem logo para apresentarem suas criações. Porém, esta ansiedade em apresentar suas produções, não assumiram caráter de competição entre os participantes.

A nosso ver, esta ansiedade também nos revelou a urgência que tinham em expressar sentimentos de mágoas, saudades, frustrações, alegrias, expectativas em relação ao tratamento, em relação à suas vidas e a seus futuros. Apresentamos alguns desenhos (ANEXO A) que a nosso ver retratam seus desejos de liberdade e de pacificação com a vida, ilustrados por meio de paisagens, coqueiros, praia, sol. Suas ilustrações remetiam à busca por sossego, paz de espírito, amor, convívio em família, reconstrução de vidas após o tratamento acompanhados em alguns casos, a necessidade de cultivar a fé junto com este processo. Um outro desenho que integram as imagens das produções foi o de uma casa, com árvores, duas pessoas em frente a casa, um coração, lágrimas, enfim, tudo que integra esta imagem vai ao encontro de suas expectativas, especialmente em relação à esperança. A maioria tinha por objetivo, constituir família, fortalecer laços e de serem felizes em suas relações.

Dada a importância do aspecto destas oficinas, analisamos com maior profundidade a expressão de inúmeros sentimentos relacionados às relações familiares que foram suscitados durante as oficinas. As relações sociais e familiares enquanto pauta, contribuíram diretamente na resolução de seus conflitos e descobertas. Observamos também que as relações sociais e familiares quando deterioradas ou inexistentes eram fatos comuns à muitos participantes ao longo de suas trajetórias de vida. Isso ficou evidente numa pesquisa que buscou compreender o quanto esses fatos impactaram nos desfechos das internações por tuberculose naquela Instituição. Tais fatos constituídos em contexto de uso de substâncias psicoativas, conflitos com a justiça, situação de rua, entre outros, produziam rupturas nas relações familiares agravando a exclusão social, o que culminou também no abandono do tratamento e na necessidade de internação. (MAFFACIOLLI; OLIVEIRA, 2017)<sup>5</sup>

A práxis das oficinas suscitaram pensamentos e ideias sobre as relações sociais e familiares dos participantes, fazendo-nos refletir sobre os conflitos do passado e instigando-os a reinterpretar os acontecimentos que potencialmente lhes possibilitava um recomeço junto à seus familiares ressignificando a vida e o bem viver. Para alguns deles, ter amigos era algo que parecia impossível e as oficinas lhes trouxeram maior confiança, coragem de prosseguir - não somente com o tratamento, mas também pelo direito de serem felizes – com dignidade em



suas vidas. Nas frases e nos poemas escritos pelos participantes, vimos esse processo fortemente presente num deles: « [...] Filha, o tamanho do universo é insignificante para que eu possa comparar o tamanho do amor que sinto por você, te amo”.

As oficinas também trouxeram outras significativas falas tais como:

Estou me sentindo muito a vontade com meus colegas que jamais pensei que iria encontrar nesta minha caminhada, por isso nesta vida nada é em vão. Muitas coisas boas aprendi e compreendi o que é certo e que é errado, pois a gente erra para aprender a jamais desistir, assim não será uma perda em vão. (Oficina sobre responsabilidades, direitos das mulheres).

Também temos outra fala,

(...)Tenho três filhos lindos e dois netos maravilhosos, mas fui por muito tempo casado e hoje sou mais um divorciado. Às vezes me sinto sozinho, mas continuo minha caminhada, pois as vezes caminho com alguém ou só em minha jornada. (Oficina com apresentação de poesias – tema livre). Hoje quinta feira foi um especial pra mim porque uns 19 dias atrás veio meu irmão e meu sobrinho. Fiquei tão emocionado (...)(Oficina sobre tuberculose e invisibilidade social).

Todos foram unânimes em informar o desejo de terem família, reconciliar-se com o ente querido terem um amor ou alguém que os tratasse com respeito. Tinham expectativas de terem lar, emprego, e outros fatores que afetam diretamente na adesão ao tratamento da tuberculose. Os vínculos de amizade formados entre os usuários também fortaleceram redes de amor, carinho e respeito, onde as oficinas os tornaram seres vivendo em espaços onde os sentimentos ganharam forma, cor, formaram frases, palavras e gestos. Suas vidas reais e não as pré-estabelecidas pelo estigma e pelo preconceito foram aceitas sem nenhuma expressão ou fala de condenação e culpabilização. Sentimos que houve uma escuta com o coração aberto por parte de todos os participantes, com algumas falas de incentivo e afeto, pois se reconhecer no outro, foi fundamental para um acolhimento sincero, com responsabilidade para o próximo, numa rede de cuidado que não se limite somente aos muros do Hospital.

Percebemos a partir da aplicabilidade das oficinas, que essa rede que foi construída com fios de delicadeza e respeito, assumimos um compromisso não somente por parte de alguns trabalhadores de saúde da instituição mas também com a implementação de políticas públicas que trabalhem em conjunto, para além da eliminação desta doença, e de como eliminar o estigma que a sociedade impôs sobre os doentes por tuberculose.



Assumimos que as oficinas de leitura e escrita criativa nos propiciaram reflexões a respeito de como as pessoas se vêem como sujeitos sociais, pois os textos abordaram assuntos sobre invisibilidade social, gênero, discriminação racial, entre outros. Muitas foram as impressões e opiniões sobre os textos, e suas identificações para com os personagens, e sobre a importância desses momentos de escuta. Esses momentos foram tomados como oportunidades para libertar pensamentos, muitas vezes reprimidos pelas amarras impostas pela sociedade que categoriza e classifica os acometidos pela tuberculose em grupos de risco os culpabilizando por suas condições.

Sabemos que o processo de cura majoritariamente não depende somente dos governantes nem tampouco dos trabalhadores da saúde, ou seja, deve ser um compromisso assumido principalmente com o ser humano doente, e sua atitude frente à doença, acompanhada do isolamento do bacilo e com sua eliminação reproduzindo um forte processos de tratamento, não desconsiderando as perspectivas dos doentes e seus direitos enquanto cidadãos. Acreditamos que nesse sentido, as oficinas propiciaram momentos de indignação e resiliência.

Referente às práticas relacionadas ao uso de drogas, destacamos o uso do crack e seu simbolismo relacionado à pobreza. Marcadores sociais da diferença como questões étnico/raciais, de gênero são fatores que perpassam pelos depoimentos da maioria dos participantes. Estes fatores também foram evidenciados na pesquisa realizada na instituição que teve por objetivo, melhor compreender a trajetória de internação por tuberculose.

Vimos que a posição de inferioridade relacionada à cor da pele foi demonstrada pelas tentativas, nos dois grupos, de suavizar o fato com o uso de eufemismo e pelas experiências de racismo. De modo mais velado, o discurso de classe social esteve representado nas experiências de violência dos que se encontravam em situação de rua e, de modo geral, estereotipados negativamente associados à pobreza, e suas moradias em zonas não nobres da cidade, ou estarem desempregados e se beneficiarem dos programas sociais para obter sustento (MAFFACIOLLI; OLIVEIRA, 2017)

Contudo, o preconceito diante das máscaras atribuídas às pessoas com tuberculose, formaram feridas que não são palpáveis e nem visíveis, somente momentos como os propiciados por estas oficinas permitiu que certos aspectos da individualidade visibilizados e compreendidos em certas falas se tornem audíveis. Nesse sentido as oficinas foram intersubjetivamente um abraço, um entrelaçar de dores, amores e esperança a todos os



participantes. Essas atividades propiciaram o que Paulo Freire na Pedagogia da Libertação que tem como pressuposto a conscientização, os ajudou a despertarem uma consciência crítica enquanto oprimido de sua condição de homem, de mulher de cidadão. No decorrer destas atividades, observamos que as oficinas abrem a possibilidade para a construção de novos caminhos e processos de cuidados por parte dos trabalhadores.

Nesse processo identificamos que esses atores, podem, dar vazão aos seus anseios, quando também tocados pela necessidade de mudar o modelo de atenção em saúde, especialmente considerando a demanda de pessoas e populações afetadas por condições de vulnerabilidade constituídas em cenários de violação de direitos humanos.

Ações como essas que foram apresentadas neste TCC, incluíram ainda a possibilidade dos sujeitos em questão, questionarem os arranjos organizacionais dos sistemas de saúde, frente à uma concepção puramente biomédica que coloniza as técnicas e tecnologias em saúde e o enfrentamento a uma imposição de modelos de trabalho condicionados pela eficiência do sistema e suas devidas críticas sobre os resultados alcançados.

#### **4. Considerações**

Ao final deste trabalho, constatamos que as relações familiares e sociais ou ausência destas, assim como a negação por parte dos governos dos direitos básicos dos participantes são fatores determinantes nos processos de saúde- doença. Diante disso, faz-se necessário e imprescindível “descolar” rótulos que por décadas os acometidos pela tuberculose receberam. Ou seja, rótulos que os categorizam e deterioram suas identidades, mortificando suas almas e restringindo seus direitos à liberdade eis que são seres dignos e portadoras de direitos.

Vimos que o tratamento no campo da tuberculose instituído por parte dos governos, tem se ocupado em reduzir carga epidemiológica da doença, sem compromissos audaciosos, referentes a transformação das condições sociais que, configuram essa carga. Vimos que anda são necessários assumir o compromisso para além da redução dos índices de contágio. Portanto, necessita-se derrubar literalmente os muros que delimitam o espaço das pessoas e suas subjetividades nas instituições voltadas ao tratamento para tuberculose. Comprovamos com este trabalho, a eficácia da construção com os usuários de uma rede de apoio à comunidade, que coletivamente tem compromisso com o ser humano e sua vida real.



As oficinas de leitura e escrita criativa foram atividades que nos permitiram melhor entender que o ser acometido pela tuberculose pode estar dentro de uma instituição em tratamento hospitalar ou ambulatorial, e são apenas uma parte de todo o processo de adoecimento. Constatamos que propostas como esta tem o potencial de contribuir nas diversas formas de tratamento da tuberculose, retirando estigmas, ressignificando vidas, contando e recontando histórias e conectando pessoas, contribuindo diretamente na formação dos cidadãos de direitos.

## Referências

- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portal da Saúde. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/tuberculose>. Acessado em 20 de fev de 2018.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE In **Boletim Epidemiológico**: Perspectivas brasileiras para o fim da tuberculose como problema de saúde pública. Brasília, DF, n. 13, 2016.
- CANAU, V.M; S.B.SACANIVO; M.F.M. BARBOSA; M. MARANDINO A.G. MACIEL. Oficinas Pedagógicas de direitos humanos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- MAFFACIOLLI, R; OLIVEIRA.D.L.C; BRAND.E.M. Vulnerabilidade e direitos humanos na compreensão de trajetórias de internação por tuberculose In **Saúde Soc**. São Paulo, v. 26, n 1, 2017. Pgs. 286-299.
- RIBEIRO, Kátia.Q.S. Metodologias ativas de ensino aprendizagem e educação popular: encontros de desencontros no contexto da formação dos profissionais de saúde. Interface (Botucatu), 2014, vol.18.supl.2, PP. 1355-1364.
- RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Coordenação dos Hospitais. Hospitais Estaduais: **A história da Saúde Pública do Rio grande do Sul**, 2016. Disponível em: <http://hospitaisestaduais.blogspot.com.br/p/hsp/HTML>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

Recebido: 10/12/2020  
Aprovado: 15/12/2020  
Publicado: 31/12/2020